



# CICLO DE APRENDIZAGEM, INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E CÍRCULOS DE CULTURA: ENTRECruzANDO SABERES E IDENTIDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAR LETRANDO

Magali Maria de Lima Ribeiro<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo busca compreender as relações entre os conceitos de Ciclos de Aprendizagem, Inovação Pedagógica e Círculo de Cultura. Assim sendo, analisa os processos pedagógicos como caminhos que possibilitem aos sujeitos lerem as palavras e o mundo, ou seja, produzirem sentido sobre suas próprias aprendizagens e perspectivarem a construção de uma realidade diferente da qual eles se encontram inseridos, a partir uma compreensão crítica e reflexiva das bases organizativas da sociedade atual e em quais aspectos ela necessita ser mudada. Desse modo, temos como objetivos para esse estudo: Analisar o Ciclo de Aprendizagem enquanto caminhos para a inovação das práticas educativas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, compreender a Inovação Pedagógica enquanto atitude permanente de busca e acolhida do novo em todos os níveis educacionais e discutir o processo de alfabetização e letramento, a partir de uma perspectiva dialógica e reflexiva ancorada nos Círculos de Cultura freireanos. Para tal, utilizaremos os construtos teóricos de autores como: Perrenoud (2004), Correia (1991), Cristensem (2012), Leal, (2018), Cafiero (2010), Freire (1987), entre outros. O estudo aponta que torna-se necessário que a escola entrecruze esses conceitos na tecitura de um processo pedagógico que possibilite a construção da identidade, cognitiva, social e cultural dos indivíduos nele inseridos,

**Palavras-chave:** Ciclo de aprendizagem; Inovação Pedagógica, Círculo de Cultura, Alfabetização e Letramento

## INTRODUÇÃO

Na atualidade a inovação pedagógica e os processos de alfabetização a partir do letramento são temas recorrentes na cena discursiva no âmbito educacional brasileiro, essas discussões se processam em primeiro lugar pela grande importância que se tem dado a tecnologia e pela forma de como a atrelam a inovação pedagógica, chega as vezes a confundirem uma com a outra, ou acreditando que a inovação só ocorre na presença da tecnologia, ou seja, do aparelhamento tecnológico. Do mesmo modo, muito se tem discutido e estudado sobre as concepções e processos de alfabetização. e suas diferentes formas de materialização na sala de aula.

Nesse contexto, o presente artigo pretende discutir os conceitos de Ciclos de Aprendizagem, afim de localizar nele o Ciclo de Alfabetização, (período em que a criança deve se apropriar do sistema de escrita alfabética, no qual ela não pode ser reprovada), de Inovação Pedagógica,

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação – Inovação Pedagógica, Professora dos cursos de graduação do PARFOR da UPE no Campus Mata Norte, Professora convidada dos cursos de pós-graduação da FAFIRE, Professora da Rede Municipal de Ensino de Recife – PE.

[Digite aqui]

trazendo duas concepções de Inovação e suas principais características e uma breve análise sobre os processos de alfabetização, tendo os Círculos de Cultura como ancoradouro das práticas de ensinar e aprender, a partir de uma experiência de educação enquanto ação social coletiva, onde as pessoas constroem a partir de um processo dialógico e reflexivo, seus conhecimentos e suas identidades cognitivas, sociais e culturais, tornando-se analistas sociais e intervenientes qualificados

### **Reflexões sobre Ciclo de Aprendizagem e sua conexão com a Inovação Pedagógica**

Nesse sentido inicialmente, buscaremos compreender o que são os Ciclos de Aprendizagens e quais os motivos para que eles sejam instituídos na cena educacional brasileira. Assim, podemos afirmar que eles são experiências educativas organizadas em tempos mais longos, respeitando o ritmo de aprendizagem dos estudantes e suas heterogeneidades. Na verdade, os Ciclos são uma maneira integral e diferente de enxergar e organizar a própria escola, redefinindo inclusive o seu papel social, na perspectiva de oferecer aos estudantes oportunidades específicas de desenvolvimento, de acordo com as suas necessidades e ritmos de aprendizagem, possibilitando assim que ninguém fique disperso ou sem ser incluído. Para Fillipe Perrenoud (2004),

O Ciclo é uma medida positiva, ao passo que a supressão da reprovação parece privar, sem outra compensação, de um meio de reduzir um pouco a heterogeneidade: Ela cria uma solidariedade institucional entre professores do mesmo ciclo e os incita fortemente à coerência e à continuidade pedagógica; é uma estrutura aberta, que permite evoluir progressivamente para uma descompartmentalização das séries e para o atendimento coletivo dos alunos. (PERRENOUD, 2004, p. 38).

Isso significa, que não importa o ano, ou a turma em que o estudante esteja, ele não pertence ao ano, tal, ou à professora tal, ele pertence ao Ciclo, e tem o direito de ir progredindo enquanto estiver dentro do tempo determinado para a duração do mesmo. Vale dizer que neste período ele não tem apenas o direito de não ser reprovado, mas de ter a sua disposição todas as condições e dispositivos que possibilitem a sua aprendizagem de modo que seja natural, que ao termino do período todos os que não tenham impedimentos físicos ou cognitivos, possam ter construído as aprendizagens necessárias para aquela fase escolar.

Vele ressaltar também, que esse desenvolvimento não deve contemplar apenas aspectos cognitivos, ou apropriação de conteúdos escolares, mas o desenvolvimento integral do indivíduo, que vai para além das práticas pedagógicas e passa pelas práticas sociais e culturais, de produção de valores e sentimentos que compõem a pessoa humana. Por isso o já referido

autor afirma que: “em um ano letivo – o que representa, em geral, cerca de quarenta semanas, ou seja, 1200 horas de presença em aula, um aluno pode assimilar dados, regras, noções particulares. Porém, “não pode, ao mesmo tempo, construir uma cultura científica ou histórica, aprender completamente a ler, a produzir textos, a raciocinar, a argumentar, a antecipar, a debater, a imaginar, a comunicar”. (2004, p. 15).

Por isso, advoga o autor que existem razões bem mais abrangentes para se adotar os ciclos plurianuais que a simples suspensão da reprovação. Os estudos mostram que os Ciclos por serem formas de organizações da escola que se propunham abertas, poderiam ser compreendidas como caminhos para a Inovação Pedagógica das práticas educativas no âmbito da Educação Básica (RIBEIRO, 2016). E por isso há um forte descontentamento por parte de pesquisadores e educadores ao verem o Ciclo de Alfabetização ser reduzido ao curto período de dois anos na Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

Desse modo, torna-se necessário compreender o que de fato pode ser considerado como Inovação Pedagógica? Que concepções de inovação existem? E qual a mais presente em nossa cena educativa atual? Nesse contexto, Correia (1991) nos afirma que Inovação é um termo polissêmico, sendo utilizado por diferentes agentes sociais em diferentes contextos. A palavra inovação poderá, portanto, ser utilizada tanto para justificar a introdução de mudanças no sistema educativo, visando ao seu aperfeiçoamento, quanto para apoiar a produção de práticas pedagógicas que rompam radicalmente com a realidade instituída. Ou seja, a visão, ou compreensão do que é inovação, vai depender do lugar social que ocupa a pessoa que a está analisando.

A partir desse quadro de análise, podemos discorrer sobre ao menos duas concepções de inovação, que assumem objetivos e práticas sociais distintas no cenário educacional, e incidem sobre as perspectivas de aprendizagens dos estudantes nos ciclos de alfabetização bem como nas outras etapas de ensino, assim como sobre o modo como vão aprender e que tipo de pessoas irão se tornar.

Assim passaremos a analisar a concepção técnica ou instituída de inovação, cujo objetivo é operar a modernização do sistema educativo e aumentar a sua produtividade “fazer cada vez mais, investindo cada vez menos” tratando a educação como produto a ser consumido e buscando formas cada vez mais precisas de medi-lo.

Essa concepção confunde inovação com aparelhamento tecnológico e busca criar ilhas de excelência, compondo políticas de vitrine e implantando um processo de educação [Digite aqui]



performática, que visa prioritariamente preparar as escolas para atenderem as avaliações externas e subirem no ranking do IDEB (Índice de desenvolvimento da Educação Básica)

Nesse sentido, utilizar a tecnologia e a modernização para fazer mais e melhor do mesmo, não pode ser considerado uma inovação genuína do/ou no processo de ensinar e aprender.

Uma outra concepção de inovação, diz respeito à um caráter dialógico que o processo inovador deve assumir, pois ela precisa ser fruto das discussões, compreensões e deliberações de todos os envolvidos no processo pedagógico, no sentido de construir formas viáveis e coletivas de enfrentamento dos problemas diários e a construção de soluções que auxiliem a todos,

Assim sendo, a Inovação Dialética, para além do aparato tecnológico, que se reconhece ser importante e necessário, lida com o original, o inédito, o ainda não experimentado, o ainda não conhecido, aquilo que é fruto da criatividade e da superação dos limites trazidos pelo cotidiano. Nesse sentido, o conhecimento produzido nesse processo inovador rompe as barreiras da disciplinaridade e se compõe na complexidade, ou seja, na visão global da realidade, compreendendo que ela é feita de múltiplos intervenientes que se interdependem, e se retro alimentam.

Pra Morim (2001), ver o mundo em complexidade, significa enxergá-lo como um todo orgânico em suas relações ecológicas de tecitura, onde a soma das partes é sempre menor que o todo. Nesse contexto, a interdisciplinaridade torna-se como advoga Fazenda (...), mais que uma maneira de ensinar ou de aprender, mas uma postura perante o conhecimento e consequentemente um modo de ser e estar no mundo.

E por fim, essa concepção de inovação deve operar a quebra de paradigmas, ou seja, superar os modelos pré-estabelecidos, ritualísticos, viver e organizar o processo educativo, trazendo o movimento, a complexidade, o diálogo, a reflexividade e a compreensão profunda da realidade, para todos os participantes do processo. Inovação nessa concepção é uma força viva que nasce no chão da escola e busca superar as dificuldades a partir do coletivo, transformando a educação em uma ação social coletiva de conscientização e empoderamento dos sujeitos nela envolvidos.

Ao contrário disso, o que percebemos hoje, é um grande mal-estar da escola moderna a cerca de sua função social e daquilo que deve oferecer enquanto experiência educativa a seus estudantes. Nesse sentido, precisamos refletir sobre o papel da escola na sociedade do conhecimento; as expectativas lançadas sobre ela e sua articulação com as diferentes agências educativas da sociedade. Para Cristensen (2012), as expectativas sociais sobre a instituição

[Digite aqui]



escolar foram e são sempre as melhores: maximizar o potencial humano; viabilizar uma democracia participativa; aperfeiçoar as habilidades, capacidades e atitudes que ajudarão a economia a se manter próspera e competitiva; fortalecer o entendimento de que as pessoas podem ver as coisas de maneira diferente uma das outras.

No entanto o que vemos na atualidade é a sociedade caminhando no sentido contrário dessas aspirações Bauman (2011), afirma que o cenário social atual força a construção de uma cidadania que se localiza na esfera do privado, ou seja, as pessoas se mobilizam para buscar direitos que estejam diretamente ligados aos seus interesses pessoais e não aos interesses da coletividade.

Franco (2012) refere que “a escola não está conseguindo produzir as aprendizagens previstas; os professores têm dificuldade para ensinar; os legisladores não sabem solicitar; os currículos ainda não definiram o que ensinar; a sociedade titubeia em relação ao *para que ensinar*” prossegue a autora, afirmando que, nesse contexto de transformações, para as instituições de ensino superior já não está tão claro seu papel na tessitura e no apoio do fazer docente.

### **Os Círculos de Cultura como ancoradouro para as práticas pedagógicas de alfabetizar letrando**

É nesse quadro de incertezas, que estamos vivenciando os processos de alfabetização de nossas crianças, e, portanto, precisamos apoiar as professoras e professores para que eles possam compreenderem o mais claramente possível esses conceitos e conteúdos e empreenderem ações claras e assertivas no sentido de possibilitar a apropriação por parte dos estudantes, dos conhecimentos necessários para fazerem uso da língua escrita e falada nas diferentes situações sociais de comunicação. Para tal, é necessário entendermos a escola como espaço de desenvolvimento e ampliação da leitura e escrita (LEAL, 2018), instituição responsável pelo ensino da língua escrita, seu funcionamento e convenções.

Entender a escola também, como um tempo de convivência, desenvolvimento e aperfeiçoamento de capacidades relacionais, comunicativas, operativas e que não retorna já mais. (ALARCÃO, 2001) e a infância como tempo de felicidade e ao mesmo tempo, de preparação para o sucesso (ERNEST CASSIRER, 2000, p. 29), um tempo de múltiplas possibilidades e múltiplas escolhas que tecem/compõem destinos. Ou seja, um tempo/vida!

Assim sendo, acolhemos o conceito de alfabetização como: período de aprendizagem de conceitos complexos, no qual o indivíduo desenvolve a capacidade de ler, compreender e

[Digite aqui]

produzir textos escritos. Podendo então, participar dos eventos sociais mediados pela escrita em diferentes situações de uso da língua.

Compreende-se então, assim como Soares (2020), que a alfabetização como processo da apropriação da “tecnologia da escrita” que não precede nem é pré-requisito para o letramento, que aqui é tomado como: a capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita. Nesse contexto podemos citar cinco dimensões que compõem o processo de alfabetizar letrando, quais sejam:

- 1 – Apropriação do sistema de escrita alfabética e da ortografia;
- 2- Desenvolvimento de habilidades de produção e compreensão de textos escritos e orais;
- 3- Conhecimentos sobre as práticas sociais de uso da escrita e oralidade dos gêneros;
- 4- Conhecimentos sobre a língua;
- 5- Aprendizagem de diferentes conhecimentos, por meio da leitura, da fala e da escrita, importantes e significativos para a participação das crianças, jovens e adultos nas diferentes dimensões sociais, e a construção e fortalecimento de sua identidade social. (MORAES, 2012)

A partir desse quadro de ideias, podemos refletir sobre a leitura e suas funções na tecitura da compreensão dos textos e do mundo por parte das/os estudantes, assim como refere Corsino (2016):

**A palavra “leitura” tem muitos significados e é usada para designar várias ações, algumas muito diferentes entre si. A amplitude do significado atribuído ao termo se estende da leitura de mundo, passando à leitura de diferentes linguagens e chegando à leitura dos textos escritos de diferentes extensões e complexidades. A ampliação do conceito se explica pelo que perpassa as leituras: a produção de sentido, a interpretação dada pelo sujeito frente ao que é dado a ler. (CORSINO *et al*, 2016, p.24)**

A partir da citação a cima, podemos concluir que lemos o mundo e as letras e que cada leitura exige diferentes movimentos “o leitor vai sendo formado nessa diversidade de formas de ler, intenções e uso dos textos e seus suportes, observando e participando de situações diversas de leitura. Assim, as crianças vão descobrindo as diferenças, por exemplo, entre uma história e uma notícia [...]”. (Ibidem, idem). Desse modo, ensinar a ler é ensinar

estratégias. Esse desafio pode ser encarado com o ensino sistemático de estratégias de leitura. “estratégias são ferramentas cognitivas, mas que podem ser desenvolvidas por meio de atividades sistemáticas e bem planejadas”. (CAFIERO, 2010, p.96).

[Digite aqui]

Porém, tais atividades precisam ser desenvolvidas, a partir de diferentes textos, que atendam as diferentes situações de comunicação, que deem conta das diferentes necessidades sociais de comunicação. Nesse sentido, para Guerra e Leal, “[...] os alunos precisam ser levados a refletir sobre as diferentes dimensões da nossa língua, ao longo da escolaridade, trabalhando com gêneros que tenham semelhanças entre si e que também tenham diferença. [...] é necessário garantir que os estudantes produzam textos em condições propícias à aprendizagem, favorecendo que os alunos desenvolvam “conhecimentos relativos ao tema, à organização e configuração dos textos, adotando gêneros discursivos que, usualmente, estão presentes em situações comunicativas similares à determinada situação com a qual nos deparamos no momento.” (GUERRA e LEAL, 2014 p.38).

Assim, o processo de inovação deve tocar também os processos de alfabetização e letramento, que quebram paradigmas quando ocorrem nos moldes dos Círculos de Cultura propostos por Paulo Freire. É bom frisar que, os Círculos de Cultura não são apenas um momento do processo de alfabetização, mas a própria metodologia de ensino e de aprendizagem, que compreende várias etapas do método de alfabetização que compõe uma pedagogia, na perspectiva de educação libertadora.

Nesse contexto, no Círculo de Cultura são debatidos problemas comuns enfrentados pelos membros do grupo, e se busca soluções coletivas para eles, nesse processo de debate é revelado o universo vocabular dos estudantes, e as palavras que fazem mais sentido para eles, aquelas que guardam uma carga maior de afetividade e engajamento para o estudo do sistema alfabético. (FREIRE, 1987)

Desse modo, essas palavras vão compor as codificações que podem ser uma imagem ou apenas a palavra escrita em um cartaz, e as fichas de descoberta, onde constam as palavras e sua famílias silábicas, esse jogo de sílabas auxiliam na escrita de novas palavras. Notem que não se trata da adoção de um método fonético, uma vez que, as ações vêm acompanhadas de discursões, mobilização de saberes para a resolução de problemas cotidianos, interação e troca intensa entre os participantes.

Outro componente do processo de alfabetização a partir dos Círculos de Cultura, são os cadernos de produção textual, que trazem frases, textos ou cenas para que os estudantes reflitam e produzam seus textos a partir da discussão, para posterior correção por ele ou por seus colegas. Nesse contexto de alfabetização discursiva e conscientizadora torna-se necessário atentar para



alguns princípios que Freire considerava caros ao aprendizado coletivo e produtor de autonomia, como por exemplo:

Considerar o lugar de fala; partir do saber e experiências das/os estudantes; desenvolver a capacidade ontológica de ser sempre MAIS e possibilitar a elaboração de Inéditos Viáveis. (FREIRE 1991) Cada um desses princípios exige da educadora e do educador uma postura/ação que sirva de testemunho para que o que se fala não fique longe do que se pratica, compondo assim uma práxis pedagógica ancorada na ação-reflexão-ação, que acolhe e incorpora aos processos formativos a dialética da vida, no embate constante entre as forças de manutenção e transformação da realidade.

Freire entende o inédito viável, Como palavra-ação, que abriga “a compreensão do tempo e do espaço, da denúncia e do anúncio”, o inédito viável expressa os projetos e os atos das possibilidades humanas para as transformações voltadas a um futuro mais humano e mais ético, com a construção de uma sociedade mais justa, alegre e fraterna. (FREIRE 2014) assim sendo, o Inédito Viável não apenas persegue, mas materializa a Inovação Pedagógica, na medida que necessita nascer e se concretizar no seio e pelas mãos do coletivo, possibilitando um processo de inclusão e autoconhecimento que vai ajudar a compor a identidade social, cognitiva e cultural de todas e todos envolvidas/os no processo educativo.

Desse modo os Círculos de Cultura que podem ser vivenciados dentro do Ciclo de Alfabetização, quebram o ritualismo do ensino tradicional centrado no professor e na repetição, na realização de atividades que estão fora da realidade cotidiana da/do estudante, se constituído assim, uma Inovação Pedagógica Dialética, isso porque, mesmo que não se faça uso de aparelhos tecnológicos, eles constituem processos educacionais abertos, produtores de sentidos, dialógicos e interdisciplinares, onde seus participantes, ao tempo em que se apropriam da tecnologia da leitura e escrita, vivenciam também um processo de letramento, fazendo uso da língua falada e escrita nos diferentes contextos sociais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

[Digite aqui]



Assim sendo, percebe-se a necessidade de que a escola possa intercruciar os conceitos de Ciclo de aprendizagem, Inovação Pedagógica e alfabetização a partir do letramento, inserindo em seus processos pedagógicos a concepção dialógica e crítica dos Círculos de Cultura para produzir e alcançar, junto com nossas e nossos estudantes, belos e promissores inéditos viáveis, que transformem nossa realidade em uma realidade mais justa, alegre, inclusiva e equânime para ser vivida em um mundo mais humano e igualitário, onde caiba todo mundo.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Izabel. **Formação reflexiva de professores - estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva** 5. ed. – São Paulo,

Cortez, 2007. (coleção Questões da nossa época; v. 104).

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: Formando leitores críticos. In RANGEL, Ergon de Oliveira, ROJO, Rixine Helena R. Língua Portuguesa: Ensino Fundamental. Brasília, Distrito Federal – Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. 2010 pp. 85-106, Coleção Explorando o Ensino.

CORREIA, José Alberto. **Inovação Pedagógica e Formação de Professores**. 2. ed. Coleção Biblioteca Básica de Educação e Ensino. Rio Tinto-Portugal: Edições ASA, 1991.

CHRISTENSEN, Clayton M. **Inovação em sala de aula: como a inovação disruptiva muda a forma de aprender**. Tradução Rodrigo Sardenberg. Porto Alegre: Bookman, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zaha, 2011.

FAZENDA, Ivani & Arantes, C. (orgs). **Metodologia da pesquisa educacional**. 4. ed. São Paulo: Cortez 1997.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. 1ª edição. São Paulo: Cortez 2012

GUERRA, S. E.; LEAL, T. F.; **Produção coletiva de textos na escola: análise de situações didáticas**. In Questões de linguagem: Pesquisa e ensino em produção de textos e análise linguística. Org. LIMA, A.; PESSOA, A. C. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014. p. 37-63.

LEAL, Telma Ferraz; Sá, Carolina Figueiredo de; Silva Eliane Cristina Nascimento da (org's). **Heterogeneidade, educação e linguagem em contextos do campo e da cidade**. Recife: Ed. UFPE, 2018.



LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artimed, 2002.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de Escrita Alfabética.** São Paulo: Melhoramentos, 2012

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem – Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_, **Educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

RIBEIRO, Magali Maria de Lima. **Ciclos de Aprendizagem e Inovação Pedagógica.** Rio de Janeiro: Autografia, 2016.